

Amadeu Baptista

RODIN, O PENSADOR

Entre as mil e seiscentas disponíveis
escolhi esta manhã a pedra para o meu trabalho,
a única com o mistério de um coração a pulsar-lhe
nas entranhas e a que só poderei responder com a dimensão
do silêncio. Quando posicionar o escopro
sei que irei ver a luz jorrar desse primeiro orifício,
depois a treva incontornável, mais tarde
uma espécie desconhecida de linguagem que me avassalará
e atingirá também com silêncio
o meu coração. Por muito que perscrute a memória,
por mais evocações que procure na alma, sei bem como tinge as mãos
este infável sentimento de abandono, esta voz
silenciada que sinto na cabeça
como um puro sinal de asfixia, uma marca
áugure de nascença. O que resultar da pedra,
tal como o pó regressa ao pó, hei-de ser eu a morrer
pelo tempo dos tempos, como algo pensado para além de mim
a agir sobre o que fui quando já não existir eu próprio, a pedra,
a linguagem com que comuniquei com os que talvez não entendessem
que foi o amor que me fez esculpir a vida
nesta pedra, que só aparentemente está só no coração que pulsa.

RENOIR, ÚLTIMOS DIAS

Jean agora mistura-me as cores na paleta, as articulações
negam-se às pequenas tarefas, uso as forças que restam
para concluir os projectos mais recentes, os projectos de sempre,
ousar ir mais além para que as minhas árvores sejam árvores
e não apenas sombras que alguém chegue
e não reconheça na imensidão do quadro. A cadeira-de-rodas
aborrece-me, mas pouco penso nisso, dormir aflige-me tanto
que quase não consigo sonhar, ou consigo, mas sempre tenho sonhos
onde a materialidade das cores corre para um trajecto de pulsações
abrangentes,
com sentimentos dentro, adequados à natureza de que somos feitos,
as projecções, afinal, de tudo o que pinte durante a vida. Jean é doce,
auguro-lhe a felicidade, a sua juventude sugere-me novas visões,
novos sentidos
para a harmonia, e quase não descansa para encontrar nas minhas formas
vivas
o eco de algo luminescente que me reconforte da luz e do vazio, a constante
contradição
com que vi a terra e a tentei amar.
Longe vão os dias das grandes dúvidas, a proximidade da morte
ataca-me sem o sobressalto das interrogações, aquieta-me o espírito
para que de novo me entregue a algo tão doce como o inebriamento
desta mulher que tocou uma rosa e me perscrutou da tela
com a intuição de saber cravada no meu coração a doce lâmina
do fascínio, o puro encantamento.

ROGÉRIO RIBEIRO: COMPANHIA DOS ANJOS

O que é anterior às coisas está na alma
para prevalecer. Não é só uma questão
da memória, um sulco a atravessar
esse travejamento sombrio e cintilante, talvez
tudo tenha apenas a ver com o silêncio,
o silêncio agudo que sobe ao ouvido
e faz vibrar o corpo num êxtase imperceptível,
o instante de beleza que transita na pele
e desce à boca para afirmar e interrogar.
Há também a sala, com os seus cantos inóspitos,
os diademas translúcidos que as aranhas teceram,
o epicentro de um cismo neste lado do fogo,
onde a prega de um lenço revela a sombra
indescritível. São indícios de formas, sinais,
grãos finíssimos de areia púrpura que flutuam
no ar, um traço oblíquo de luz que une a nuca
às mãos, a tristeza, a perdurável tristeza
de quem passou pela vida nesse motor regressivo,
essa turbina que tocou outras vidas à volta,
outras almas que se perderam porque alguém ocultou
sob a pedra o fascínio e o arrebato de uma escuna branca
que secretamente aguarda o momento de zarpar
à descoberta de algum mar na terra, alguma estrela
de água. Ah, a lágrima, também a lágrima
há-de ser um desses indizíveis detalhes
que marcam o rosto, ferve nos lábios
quando o coração se concentra sobre o peito, num ritmo
onde tudo acontece como num filme lento de cores
saturadas, o ocre do mundo a diluir as recordações
porque sempre se institui algum abandono nessa forma sublime
de amar, prudente e imprudente, sob a gardénia azul e a avelã intensíssima.
Um rio espraia-se ante o olhar coberto de escuridão,
as mãos abrem-se e afeiçoam as lâminas
que sulcam a carne, o sangue mistura-se nessa amálgama

de espaços brilhantes e fitas coloridas, um ramo de violetas
cresce sobre esse nevão, além de um limite e outro,
onde as forças há muito diluíram as dúvidas
que por um simples contacto com a realidade desabam por essa bátega
ardente, imaculados clarões que mancharam os dedos
e sabemos juntar ao que jamais esperamos, uma asa,
uma porção de éter, um golpe no céu para que alguém
acredite nos anjos, para sempre acredite. O universo expande-se
em múltiplas alusões a esses arcos antigos, a cabeça quase não as suporta,
há um juízo inteligível que nos toca para que nada se possa entender,
tudo se possa entender,
de um mistério a outro os dedos tocam esse pó reversível
que adere aos olhos e arde num rastro de pura energia que o despojamento
calcina, uma criança preenche com a claridade
envolvente, serpente e predestinação
aproximando-se do frágil ponto de luz
que desoculta o visível, sortilégio, volume, ascensão,
suporte onde todos os sedimentos
se reúnem, todas as tentativas de destruição
se transfiguram. E mais que visão, casa, mais que memória, índice,
mergulho onde o rosto aguarda o princípio e o fim de um incêndio esperado,
essa forma soberba de comunicar o amor, implacável, eterno,
fulcro e ressonância a transitar pelo tempo,
medida e desmedida, meticuloso alvoroço impondo ao firmamento
um círculo, uma trama, um desenho de luzes.